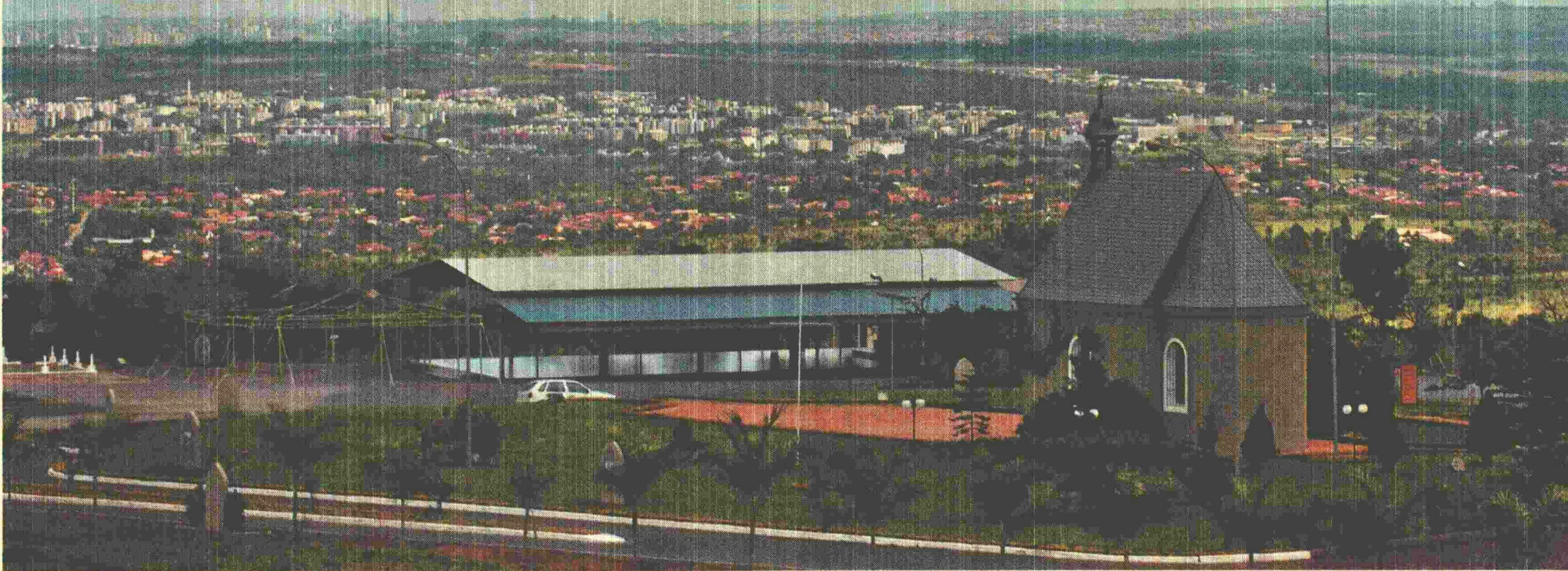


DE PONTA A PONTA



COM UMA ESPLÊNDIDA VISTA DA PAISAGEM DE BRASÍLIA, O SANTUÁRIO ADMINISTRADO PELOS VOLUNTÁRIOS DAS IRMÃS DE MARIA É UM DOS PONTOS VISITADOS PELO CORREIO NO TRAJETO QUE CRUZOU O DISTRITO FEDERAL DE NORTE A SUL

RENATO ALVES E GUILHERME GOULART (TEXTOS)
RONALDO DE OLIVEIRA (FOTOS)

DA EQUIPE DO CORREIO

É possível cruzar o Distrito Federal de norte a sul e de leste a oeste em quatro horas. Basta entrar em um carro e pegar as rodovias que levam às extremidades, sem parar. O **Correio** resolveu fazer uma viagem mais demorada. Em dois dias, repórteres do jornal foram de uma ponta a outra do quadrilátero destinado à construção da capital do país. Eles não seguiram os caminhos lógicos e mais rápidos. Preferiram desviar algumas vezes da rota. O resultado foi surpreendente.

Mesmo pequeno em relação às demais unidades da Federação (possui 5.822 km²), e já bem povoado (são mais de 2,2 milhões de habitantes), o Distrito Federal ainda guarda seus mistérios. Alguns deles são desvendados nesta reportagem, que mostra trajetórias de gente comum, mas que

ajuda a escrever a história da capital brasileira.

Nos dois trajetos, é preciso enfrentar estradas esburacadas e de chão batido para visitar vilas pouco conhecidas da maioria dos habitantes do DF. A menos de 40 quilômetros do Plano Piloto, é possível encontrar gente que vive em zonas exclusivamente rurais, mesmo tão perto do tumultuado centro da capital do país. A reportagem deparou-se também com paisagens dignas de cartão postal, mas que estão fora do roteiro oficial do turismo em Brasília. Registraram ainda problemas comuns aos grandes centros urbanos, como a expansão desordenada e a poluição.

Mudança de paisagem

De norte a sul, são menos de 200 quilômetros por rodovias, a maioria em bom estado. Partindo do meio da parte sul do quadrilátero, a equipe do jornal começou a travessia pela tranqüila DF-140. Do limite entre as comunidades do Barreiro (DF) e do Jardim ABC (GO), divididas por uma rua, os repórte-

res foram até o fim da DF-128, onde o rio Maranhão delimita o Distrito Federal e Goiás na parte central norte. A viagem durou 10 horas.

De uma ponta a outra, a paisagem muda drasticamente. Depois de passar pela nem tão longínqua mas desconhecida comunidade do Barreiro, onde sequer há linha telefônica, chega-se à superpovoada invasão do Itapuã, no Paranoá. Já no fim do trajeto, na outra extremidade, há o reencontro com a tranqüilidade do meio rural, onde o rio Maranhão começa a sofrer agressões do homem.

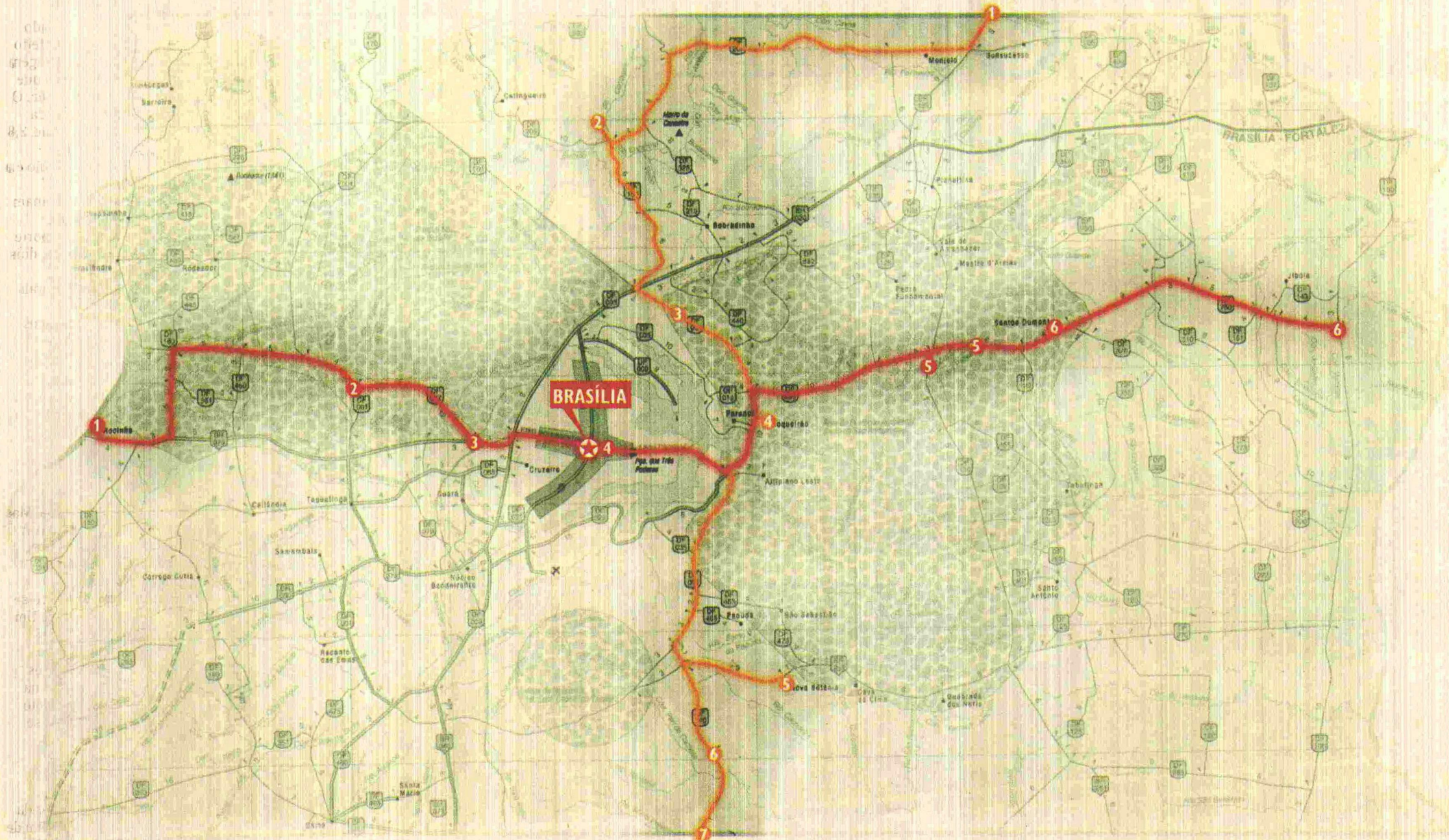
De leste a oeste, a quilometragem é ainda maior. São 244 quilômetros de rodovias que separam os dois outros pontos do quadrilátero. A jornada começa pela esburacada BR-070, na divisa entre Goiás e Distrito Federal. Por ali, a estrada que liga Ceilândia a Águas Lindas (GO) tornou-se a pior inimiga dos motoristas. Buracos lembram crateras.

Alheia ao barulho e aos perigos do tráfego, encontra-se a primeira parada, o Núcleo Rural da Ro-

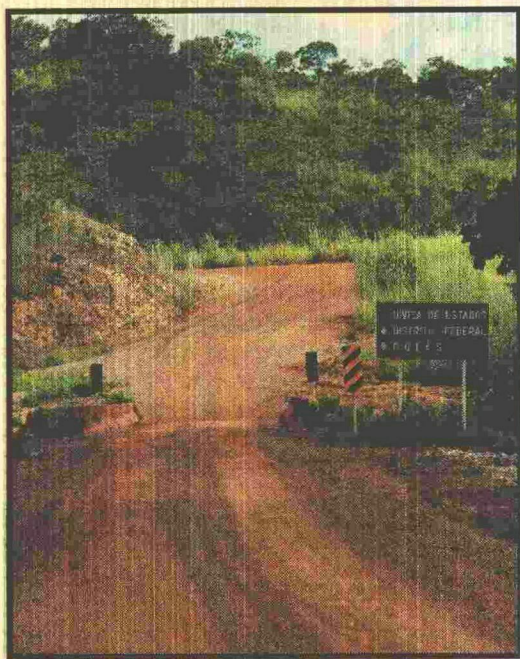
cinha. Ao contrário da favela carioca, o povoado em nada lembra a violência do Rio de Janeiro. A região agrupa pequenos produtores de hortifrutigranjeiros. Estão ali antes mesmo da construção da Barragem do Descoberto, inaugurada em 1979.

De lá, os repórteres atravessaram o Parque Nacional de Brasília, cortaram a Esplanada dos Ministérios até alcançar dezenas de núcleos rurais, já no oeste da região da capital federal. A riqueza de recursos hídricos atrai moradores de cidades como Paranoá e Planaltina, freqüentadores das áreas de lazer instaladas às margens do Córrego Rajadinha.

Mais adiante, a aproximação das linhas de Goiás revela a imensidão das terras destinadas à cultura de grãos. Extensas propriedades são dedicadas principalmente ao cultivo da soja. Neste ano, os fazendeiros sofreram com o excesso de chuvas. A demora na colheita, iniciada com oito dias de atraso, trará prejuízo aos fazendeiros. O rio Preto faz a divisa oeste com o estado de Goiás.



NORTE-SUL



1 RIO MARANHÃO

Um dos formadores do rio Tocantins, o rio Maranhão marca a divisa norte entre o Distrito Federal e Goiás. Além do rio, no limite há apenas uma estreita ponte e uma placa informando os limites entre as duas unidades da Federação. Para chegar até lá, é preciso andar meia hora de carro em uma estrada de terra, em meio a morros e grandes propriedades de terra. O rio Maranhão nasce na Estação de Águas Emendadas, no DF. Outra de suas nascentes está em Formosa (GO). Com uma importante vegetação típica do cerrado, o rio precisa de cuidados: sofre ameaças como o desmatamento de matas ciliares, poluição por atividades agrícolas e de mineração.

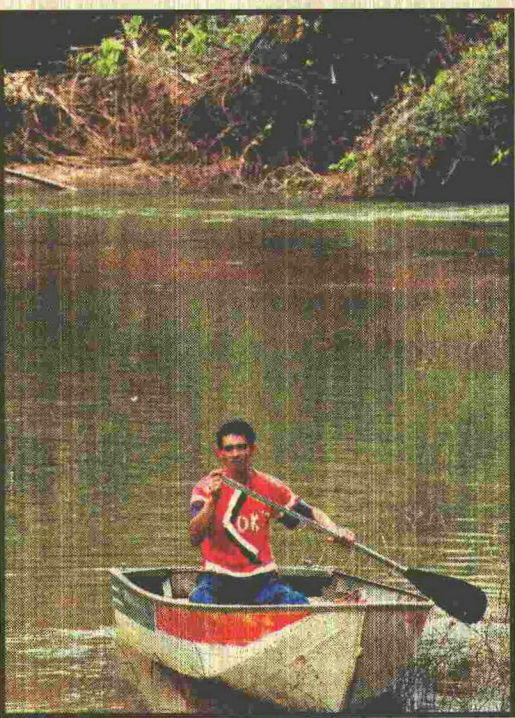
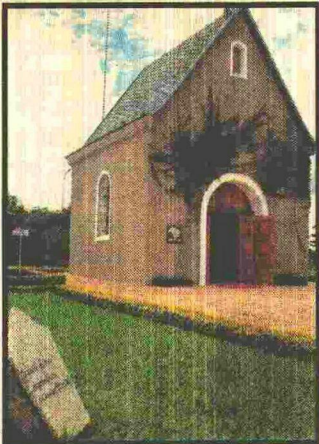


2 FERCAL

Localizada perto de Sobradinho, a Fercal abriga uma região industrial. Tem fábricas de cimento e uma grande concentração de usinas de asfalto e mineradoras. Juntas, elas empregam cerca de 1,2 mil pessoas. A Ciplan, criada há 34 anos, abastece a região Centro-Oeste, além dos estados de Tocantins, Pará, Minas Gerais, Bahia e Maranhão. A fábrica produz mensalmente 60 mil toneladas de cimento. Mas as indústrias da Fercal não trazem só benefícios. Os 15 mil moradores da região, que abriga 14 comunidades rurais e semi-urbanas, sofrem com os gases tóxicos expelidos pelas fábricas.

3 SANTUÁRIO

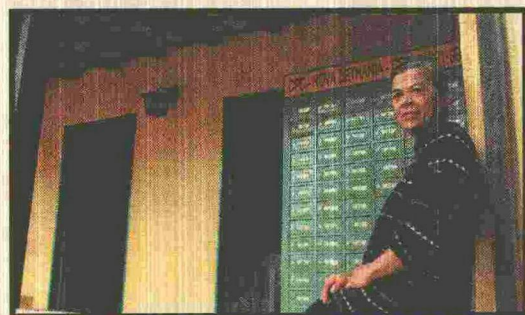
Para ir do Lago Sul ao balão do Colorado e, posteriormente, Sobradinho, Planaltina ou o Lago Oeste, o caminho mais curto, rápido e atrativo é a DF-001. Saindo do Paranoá, o motorista avista a invasão do Itapuã — a mais violenta e populosa do DF, com 45 mil moradores. É a única vista desagradável do percurso. A partir de então, a estrada é cercada por terrenos das Forças Armadas e órgãos do governo do DF. A maioria, muito bem cuidada. No meio do caminho uma placa chama atenção pelo extenso e curioso nome: Santuário da Mãe, Rainha e Vencedora Três Vezes Admirável. Vale a pena parar e visitar o santuário, independentemente da religião. Do lado esquerdo de quem segue em direção ao balão do Colorado, o santuário foi construído no alto de um morro. O lugar tem uma das mais belas vistas de Brasília. Inaugurado em 19 de março de 2000, é cuidado pelas Irmãs de Maria. As freiras contam com o trabalho de 150 voluntários de todo o DF e doações. Aberto todos os dias da semana, das 8h às 18h, além do santuário, o local tem tenda para orações, a representação da via-sacra em belas pinturas sobre pedras, sala de confissões, loja de artigos religiosos e lanchonete.



4 BOQUEIRÃO

Após a barragem do Lago Paranoá, a vida parece andar mais devagar, num lugar onde pequenos agricultores vivem em chácaras cercadas de verde e de muita água. A paz, em parte, é garantida pelo difícil

acesso, como no caso da Vila Boqueirão. Na estrada que liga o Lago Sul à cidade do Paranoá, passando por cima da barragem, não há qualquer placa que dê pistas sobre a escondida vila. A rodovia de acesso ao Boqueirão começa ao lado de uma churrascaria abandonada, construída com madeira, numa das pontas da barragem. De lá até a vila dá pouco mais de cinco quilômetros em uma estrada de terra. A mata fechada e a água que corre das minas pelas pedras dos barrancos compensam o solavanco no carro, provocados pelos buracos. Antes da escola da comunidade, depois do bar e mercearia, o visitante depara com a chácara Carapiá. Ali mora a família de um empresário, dono de uma loja de instrumentos musicais do Plano Piloto. O paraense Marcos Vinícius Alfaia Santos, 39 anos, é encarregado de cuidar da propriedade há seis anos. Ele não esconde a saudade da terra natal. "Mas sei que aqui tenho uma vida melhor, posso dar uma boa educação aos meus filhos", comenta. Este ano, Marcos, a mulher e os dois filhos presenciaram um fenômeno inusitado em Brasília. Em dois dias, em fevereiro e na semana passada, eles acordaram com as águas do ribeirão que passa nos fundos da chácara entrando na porta de casa. Em período de seca, a distância entre a pequena casa e o rio chega a 20 metros. A cheia repentina foi provocada por causa dos ininterruptos dias de chuva, que forçaram famílias do Boqueirão e do Paranoá a deixar suas casas, depois que a Companhia Energética de Brasília (CEB) abriu todas as comportas da barragem do Lago Paranoá. Desde de 2000, a medida não era adotada.



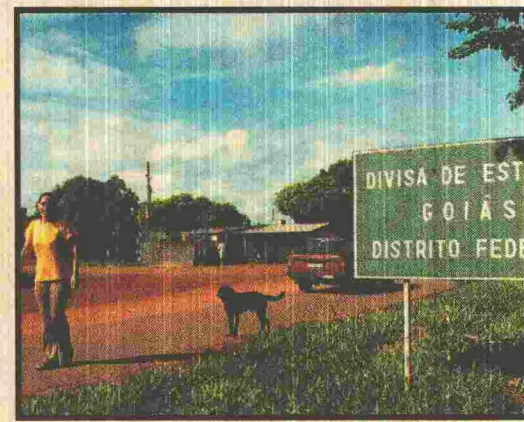
5 NOVA BETÂNIA

A comunidade de pequenos produtores rurais surgiu nos anos 1970, quando a Fundação Zoobotânica vendeu 25 terrenos de um hectare a posseiros que viviam ali. Organizados, os moradores conseguiram escola, posto de saúde e até asfalto para o povoado. Apesar dos avanços, o lugar consegue manter o ar bucólico. Os chacareiros plantam verduras e legumes para subsistência e cultivam pomares no fundo das propriedades. Alguns ergueram currais para abrigar cavalos e poucas cabeças de gado. Em meio a um vale com mata fechada e água em abundância, os moradores, no entanto, já sofrem com um dos males da expansão desordenada das cidades próximas. Não raras vezes, ladrões visitam as chácaras. "Três meses atrás, fomos surpreendidos por dois homens armados quando chegamos em casa, na tarde de um domingo. Eles levaram o pouco de dinheiro e alguns alimentos que tínhamos", conta a chacareira e comerciante Maria Lúcia Cardoso, 62 anos. Além de manter uma pequena mercearia, que abastece toda a comunidade, ela é a guardiã das correspondências dos vizinhos. Na porta do seu comércio está a Caixa Postal Comunitária de Nova Betânia. Assim que chegam as contas e cartas, Maria e uma funcionária dos Correios colocam as

correspondências dos moradores em suas respectivas caixas, identificadas pelos números das chácaras.

6 CONDOMÍNIOS

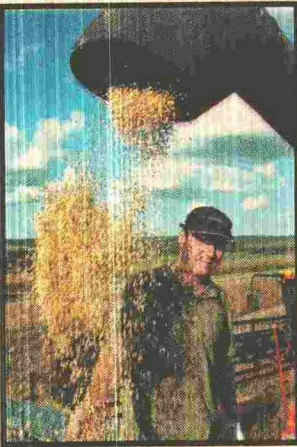
Os condomínios residenciais brasilienses já estão bem perto de Goiás. Ao longo da DF-140, estrada que liga São Sebastião (DF) à Cidade Ocidental (GO), empreendimentos voltados para consumidores de média e alta renda são construídos a toque de caixa nas duas margens. O que mais chama a atenção fica a nove quilômetros do limite entre as duas unidades da Federação: é o Residencial Santa Mônica, que impressiona pelo tamanho e projeto. Segundo os corretores de plantão no local, o condomínio será todo cercado por muros altos, cerca elétrica e monitorado por câmeras de TV. Os moradores terão à disposição uma área comum de lazer, com piscina, campo de futebol, academia de ginástica, entre outros. Metade da área verde será preservada numa espécie de parque ecológico particular. As casas terão um padrão americano, sem muros ou cercas. Do alto de um morro, com vista para serras goianas, o lote mais barato (de 800 m²) custa R\$ 107 mil.



7 BARREIRO

Márcia Souza de Almeida, 44 anos, mora no Distrito Federal, mas paga parte das contas e vai ao mercado de frutas em Goiás. Ela também usa alguns serviços públicos do governo goiano. Márcia e sua família moram na primeira casa do lado brasiliense da divisa sul com Goiás, onde as duas unidades da federação são separadas apenas por uma rua. No lado do DF, está a comunidade do Barreiro, formada por pequenos chacareiros, como Márcia. Do lado goiano, fica o Jardim ABC, bairro da Cidade Ocidental. Distante 36km da Rodoviária do Plano Piloto, o Barreiro não dispõe de linhas de telefone nem de energia elétrica. Em compensação, conta com dois postos policiais, duas escolas e dois postos de saúde: um no território goiano, o outro em terras brasilienses. "Aqui, quando precisamos, podemos acionar até a polícia de Goiás", conta Márcia. A comunidade de Barreiro precisa de mais transporte: só existem três horários diários de ônibus urbano para a localidade. A outra opção são os coletivos das empresas interestaduais, que cobram o dobro pela passagem até o centro de Brasília. Graças a um dos vizinhos do Barreiro, Márcia possui um gerador próprio e consegue ter energia em casa, onde sintoniza canais de TV do DF e de Goiás. Já os moradores do Jardim ABC têm telefone fixo, posto de saúde e transporte coletivo garantidos pelo governo goiano.

1 NÚCLEOS RURAIS



De Santos Dumont a Jibóia, os nomes exóticos de dezenas de núcleos rurais tomam conta do extremo oeste do Distrito Federal. Cortados por estradas de chão batido, eles estão ao longo de grande parte da DF-250 até a divisa do DF com o estado de Goiás. Além das vastas extensões de terras demarcadas, cada povoado mantém

uma característica em comum: as escolas. Não há núcleo rural sem um colégio público que ofereça ensino pelo menos até a 8ª série do Ensino Fundamental. Porém, o que chama a atenção na região são mesmo as fazendas produtoras de algodão e de uma variedade de grãos. O prolongamento do período das chuvas, porém, fez com que os agricultores da região perdessem parte da safra. Na Fazenda São José, a pouco quilômetros de Goiás, a colheita teve início somente nesta semana. Com oito dias de atraso. Assim que a chuva deu uma trégua, o agricultor gaúcho Cláudio Adriano Cappellessco, 27, colocou as máquinas para trabalhar. Ao lado do pai, dedica a semana para salvar a produção na propriedade de 600 hectares. "Algumas áreas estão cobertas de barro. Isso faz com que nem a semente possa ser usada nem para o plantio", lamenta o produtor, que também planta milho e feijão. Há quatro anos, os fazendeiros implantaram uma novidade: a produção de cachaça. Em escala industrial, fabricam 40 mil litros por ano.

2 CÓRREGO RAJADINHA

Afluente do Rio São Bartolomeu, o córrego que atravessa o lado oeste do DF é um dos principais pontos de divertimento de moradores do Paranoá e de

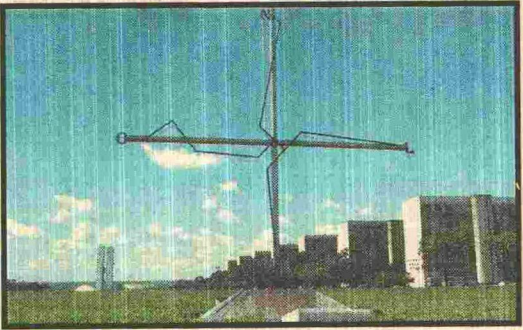


Planaltina. A movimentação dos banhistas ocorre não só durante os fins de semana, mas de segunda a sexta-feira. A área de lazer Leão Dourado, no Km 15 da DF-250, é a mais famosa e a mais concorrida. Apesar da simplicidade, o piscinão de água corrente, com um bar logo na beira, concentra centenas de pessoas em um dia de sol quente. A proibição de entrar com bebidas não impede a animação. Frequentado por famílias, casais e crianças, o Leão Dourado garante diversão gratuita. Para muitos, representa o início das primeiras braçadas. Os amigos Samuel, Rodrigo e Rogério aprenderam a nadar no piscinão. "Até os 13 não sabia nadar direito", revela Samuel, 15 anos, antes de mais um mergulho de ponta. No Núcleo Rural Rajadinha II, no Km 3, da DF-130, um braço d'água do Córrego Rajadinha atrai os moradores da região. Estacionados sob as árvores, carros com aparelhos de som potentes disputam a trilha sonora da hora. "Já é um point", afirma o presidente da associação de moradores, Cícero Silva Oliveira, 41, o Neto. Na tarde da última segunda-feira, os amigos Marcos Paulo, 40, e Érica Salgado, 25, tinham a corrente de água só para eles. Em trajes de banho, os dois curtiram o sol, desaparecido há meses. "É o melhor lugar para relaxar", explica o comerciante.

3 PONTOS CARDEAIS (ESPLANADA DOS MINISTÉRIOS)

Oscar Niemeyer e Lucio Costa também se inspiraram na Rosa dos Ventos para erguer Brasília no meio do Planalto Central do Brasil. Em frente à Catedral de Brasília, os pontos cardeais estão ali, em forma de monumento, em linha reta ao Congresso Nacional. A placa, datada de 2 de fevereiro de 1960, presta homenagem a grupo de pioneiros da capital: "Neste local, se encontraram as quatro colunas da caravana de

Integração Nacional, o maior movimento motorizado realizado em todo o mundo". Promovida pelo presidente Juscelino Kubistschek, a caravana de automóveis deixou os estados de Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Pará e Mato Grosso em direção ao DF em janeiro de 1960).



4 DRACENA VIVEIRO DE MUDAS

No fim da DF-097, a poucos quilômetros da BR-070 e da Via Estrutural, plantas e vegetais para qualquer tipo de gosto. O charme do Viveiro Dracena são as mudas de vegetais exóticos à disposição do brasiliense. Algumas delas nativas do cerrado. Por todos os lados, bromélias — mais de 20 espécies — rosa-pedra, cactus e dedinho de moça. As que mais despertam a atenção, porém, recebem o nome de "neen". Vindas de Goiânia e de São Paulo, são consideradas as plantas do terceiro milênio. Das folhas, tiram-se inseticidas, remédios para diabetes e até sabonetes. Da madeira, matéria-prima para fabricação de móveis. O quilo da semente custa R\$ 300. Por trás do empreendimento, uma técnica em higiene dental que largou tudo para se dedicar ao mundo vegetal. Jaqueline Gomes Muniz, 35 anos, apaixonou-se pela cultura após um período de férias no Grande Colorado, onde a mãe mantém um outro viveiro de mudas. "Detesto celular e shopping. As plantas me dão todo o retorno de que preciso", diz Jaqueline, que também dedica o tempo ao reflorestamento).

5 PARQUE NACIONAL DE BRASÍLIA

Atenção: Entrada Proibida. Ao longo das DFs-460 e 097 e parte da 001, as placas de aviso dividem a

paisagem com os pinheiros que formam o Parque Nacional de Brasília. Em menos de 30 minutos de automóvel, pode-se atravessar o trecho de rodovias em bom estado de conservação. Criado em 1961, a área é considerada um refúgio perfeito para fauna e flora nativas do cerrado. Da barragem Santa Maria, no parque, a Caesb retira a água que abastece cerca de 15% da população de Brasília. O Parque Nacional, porém, sofre desgastes a cada ano. Dos 30.556 hectares destinados ao parque, 2,8 mil sofreram intervenções — cerca de 10%. A Granja do Torto, o Parque de Exposições, o lixão e a invasão da Estrutural, estabelecimentos comerciais e algumas áreas habitacionais ocupam parte dessas terras. Por ano, cerca de 600 mil pessoas visitam o local em busca de lazer, esporte e meditação. Em frente à área de preservação, dois acampamentos, um deles com a bandeira vermelha do Movimento de Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), chamam a atenção dos motoristas. O loteamento, formado por barracos de madeira cobertos por lonas pretas, exhibe porteiros trancadas.

6 NÚCLEO RURAL ROCINHA

O Distrito Federal também tem a sua Rocinha. Mas em nada lembra a maior favela do Rio de Janeiro. A poucos metros da divisa do DF com Goiás, às margens de uma esburacada BR-070, o povoado abriga produtores de hortaliças, mandioca, beterraba, feijão, milho e chuchu. De um lado, vê-se a Barragem do Descoberto. Do outro, Ceilândia. Um dos primeiros a levantar cerca na região foi o cearense Rosendo de Oliveira, 66 anos. Como a maioria dos migrantes, chegou com a mulher e os quatro filhos em busca de novas oportunidades na nova capital. O ano era 1975. "Era o mais completo abandono, tinha até gado solto. Por isso chama-se Rocinha. De Águas Lindas, só se via as luzes dos automóveis", afirma *Seu* Rosendo. Ainda hoje, a situação pouco mudou. Apesar do crescimento populacional ao redor e da chegada da energia elétrica, o núcleo rural continua alheio aos olhos da maioria dos brasilienses. As estradas permanecem de chão batido. Não se ouve barulho de automóveis. Não se vê violência. A família do pequeno agricultor não tranca portas. Fica até tarde na varanda da casa, em companhia dos animais da propriedade.

O Brasil já tirou muitos sonhos do papel. Um deles faz 44 anos.

Os empresários brasileiros prestam sua homenagem ao 44º aniversário de Brasília. A cidade nasceu de uma promessa de campanha de Juscelino Kubitschek, exemplo de homem público comprometido com o desenvolvimento e o crescimento econômico. JK definiu Brasília como a "cidade da esperança". O dia é importante para celebrar a fé num país mais próspero e socialmente mais justo. Um país que ainda vai tirar muitos sonhos do papel. O novo Brasil começa em Brasília. Na cidade da esperança.

CNI
SESI
SENAI
IEL